

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

A UNIVERSIDADE E A CIDADE: UM ESTUDO DE CASO DO CAMPUS SEROPÉDICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

SESSÃO TEMÁTICA: O CAMPO DE PESQUISA SOBRE OS ESPAÇOS
UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL: ABORDAGENS ATUAIS E PERSPECTIVAS DE
ANÁLISE

Regina Célia Lopes Araujo
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - Instituto de Tecnologia
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
rclaraujo@globocom.com

A UNIVERSIDADE E A CIDADE: UM ESTUDO DE CASO DO CAMPUS SEROPÉDICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

RESUMO

Os estudos e análises desenvolvidos sobre a produção e a configuração do espaço universitário apontam para um padrão morfológico e ideológico de forte perfil segregacionista. Considerando que a implantação do hoje *campus* Seropédica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) inaugurou de fato, no Brasil, um padrão urbanístico de apropriação do território por parte das universidades públicas federais, a hipótese preliminar do presente trabalho, encaminhava para identificar, no padrão morfológico do *campus*, o determinante de uma segregação socioespacial entre a universidade e a cidade. Entretanto, com base no referencial teórico-metodológico de Pierre Bourdieu, procedeu-se ao entendimento da estruturação, territorialização e construção da espacialidade da UFRRJ e da cidade de Seropédica, privilegiando as estruturas do espaço físico na sua relação com as estruturas do espaço social, analisado o espaço como lugar percebido e identificando a materialização das práticas sociais, através das representações. Afastada, portanto, a hipótese inicial, a hipótese, construída com base no referencial teórico explicitado, passou a ser investigada: a de que as estruturas sociais materializadas nas estruturas espaciais produzem uma hierarquização do espaço universitário, que se traduz em uma distância simbólica do espaço da cidade. Essa distância, por sua vez, diferencia comportamentos, atitudes e visões de mundo, construindo aspectos polarizadores que aproximam e afastam, gerando uma movimentação que não tem permitido um eixo de relação estável e qualificado. A pesquisa permitiu compreender o *campus* universitário para além de um espaço físico como fruto de um modelo urbanístico que divide a cidade segundo propostas de zoneamento. Mais que “zonas” diferentes, o *campus* e a cidade são **campos** diferentes e são estruturas sociais que, materializadas nas estruturas espaciais, hierarquizam o espaço universitário e o “fecham” para a cidade.

Palavras-chave: Universidade e cidade. Relações socioespaciais. UFRRJ e Seropédica

THE UNIVERSITY AND THE CITY: CASE STUDY OF SEROPÉDICA'S CAMPUS OF THE RIO DE JANEIRO FEDERAL RURAL UNIVERSITY

ABSTRACT

The studies and analyzes on the production and configuration of university's space indicate a morphological and ideological pattern of a strong segregationist profile. Whereas that the implementation of Seropédica *campus* of the Rio de Janeiro Federal Rural University (UFRRJ) ushered, in Brazil, an urbanistic pattern of the territory appropriation by the federal public universities, the primary hypothesis of this work, headed to identify in morphological standard of campus, the determinant of a socio-spatial segregation between the university and the city. However, based on the methodological and theoretical referential of Pierre Bourdieu, the article proceeded to the understanding of structuring, territorialization and the construction of spatiality of the UFRRJ and the city of Seropédica, privileging the structures of the physical space in their relation with socio-spatial structures, analyzing the space as perceived place and identifying the materialization of social practices, through the representations. Removed, so the initial possibility, the hypothesis built on explicit theoretical referential has to be investigated: that the social structures materialized in the spatial structures produce a hierarchy of university's space, which translates into a symbolic distance from the city's space. This distance, in turn, different behaviors, attitudes and worldviews, building polarizing aspects towards and away, generating a movement that has not allowed an axis of stable and qualified relationship. The research allows us to understand the university campus beyond a physical space as a consequence of an urbanist model that divides the city under propositions of zoning. More than different "zones", the *campus* and the city are different fields and social structures that, materialized in spatial structures, hierarchize the university space and enclose it to the city.

Keywords: University and city. Socio-spatial relations. UFRRJ and Seropédica.

1. INTRODUÇÃO

O município de Seropédica, que fica localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, mais exatamente na Baixada Fluminense, foi, até 1994, o segundo distrito do município de Itaguaí. Atualmente, com uma população estimada de 82.892 habitantes¹, Seropédica tem um único distrito-sede e ocupa uma extensão territorial de 283,7 km². Foi nesse território, que no ano de 1947, as margens da então Rodovia que ligava o Rio de Janeiro a São Paulo, foram inauguradas as instalações do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas (CNEPA), órgão do Ministério da Agricultura, cuja maior parte, hoje, constitui o principal *campus* da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

É inquestionável que a UFRRJ é uma referência para o hoje município de Seropédica. Sua destacada centralidade espacial no contexto do município fez com que Seropédica se constituísse como uma cidade fragmentada em diversos núcleos urbanos, configurados como bairros espalhados e distantes uns dos outros (Figura 1). Seu *campus*, em parte tombado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (Inepac), por sua imponência e magnitude se impõe à paisagem de Seropédica de forma majestosa, contrastando com o desordenado contexto urbano da cidade. A Universidade, por sua vez, como instituição pública federal, se destaca no contexto econômico, social e político do seu entorno.

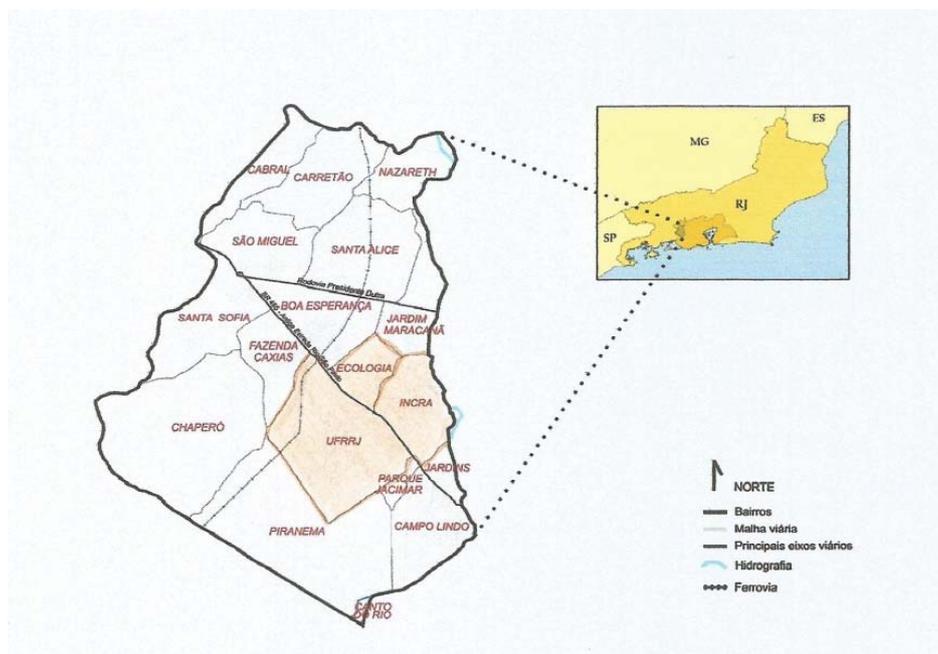


Figura 1 – Mapa de Seropédica com destaque para as áreas da UFRRJ
Fonte: Editado do Plano Diretor do Município de Seropédica, RJ, 2006.

¹ População estimada para 2015 pelo IBGE.

A relação entre a Universidade Rural e a cidade de Seropédica é visivelmente complexa. A simples observação faz perceber sucessivos momentos de concretude e afloramento de uma relação ora conflituosa, na qual seus principais atores parecem disputar espaços - econômico, político, social e cultural - ora de total desinteresse, na qual os atores se ignoram, ou mesmo, se desprezam. Uma relação, ora de dependência e cooperação, ora de exclusão e rejeição. A Universidade ora é ignorada ou vista, pelos moradores de Seropédica, como “um elefante branco”² encravado em seu território, que pouco ou nada contribui com a cidade, ora parece ser um motivo de orgulho e pensada como importante para o seu desenvolvimento. Por parte da Universidade, embora institucionalmente exista uma assumida disponibilidade, certo descaso se configura academicamente: o saber universitário poucas vezes é posto a serviço da cidade. Na relação social entre a comunidade universitária e a população de Seropédica, algumas práticas já foram sedimentadas pelo senso comum: a distinção entre “os estudantes” e “os minhocas”³, por exemplo, é explícita e, também, recíproca. Foi no conjunto dessas reflexões sobre as relações entre a universidade e a cidade que se inseriu a presente pesquisa.

2. DESENVOLVIMENTO

Os estudos e análises desenvolvidos sobre a produção e a configuração do espaço universitário - tanto do ponto de vista morfológico e urbanístico, como simbólico e ideológico; tanto no que se refere à sua localização e organização, quanto à sua relação com as cidades - apontam para um padrão morfológico e ideológico de forte perfil segregacionista.⁴ Especificamente no caso brasileiro, a territorialização da universidade, quando calcada no paradigma do *campus* universitário, que, considerado sob o aspecto urbanístico, é muito próximo do modelo de cidade universitária, aprofunda, na relação, o caráter de distanciamento e estranhamento para com o seu entorno urbano. Assim, esse padrão urbanístico de apropriação do território por parte das universidades públicas federais brasileiras, aplicado ao *campus* da UFRRJ em Seropédica, poderia encaminhar para identificar, no padrão morfológico do *campus*, o determinante de uma segregação socioespacial entre a universidade e a cidade.

² Termo utilizado pelo pequeno agricultor Ribamar, então líder da Associação de Pequenos Produtores Mutirão Sol da Manhã – Assentamento Sol da Manhã - (localizado em Seropédica), quando dos debates realizados entre as chapas candidatas à primeira eleição direta para reitor da UFRRJ, em 1988.

³ Tratamentos utilizados pela comunidade de Seropédica e estudantil, respectivamente.

⁴ Regina Célia Lopes Araujo, *A universidade no contexto urbano: as representações presentes na relação socioespacial entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a cidade de Seropédica*, Tese, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

Entretanto, buscando captar não só a apropriação do espaço universitário, mas, também, a sua recepção e expectativas de utilização como um espaço construído, a compreensão do *campus* universitário como fator de organização socioespacial passou a exigir, também, a explicitação dos pontos de conexão entre os fenômenos da própria educação e da espacialidade, estes relacionados com o planejamento do território universitário, segundo as categorias que dizem respeito às relações sociais no *campus* e do *campus* com a comunidade urbana no qual ele se insere.

Assim, com base no referencial teórico-metodológico de Pierre Bourdieu, procedeu-se ao entendimento da estruturação, territorialização e construção da espacialidade da UFRRJ e da cidade de Seropédica, privilegiando as estruturas do espaço físico na sua relação com as estruturas do espaço social. Segundo Bourdieu⁵, para romper “com as falsas evidências e com os erros inscritos no pensamento substancialista dos *lugares*”, deve-se “proceder a uma análise rigorosa **das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico**”. Para compreender o que se passa em determinados lugares - como na própria cidade de Seropédica e no *campus* da UFRRJ - que aproxima pessoas situadas em diferentes campos, com diferentes *habitus*, com acesso a distintos capitais enfim, “**que tudo separa**, (...), não basta dar razão de cada um dos pontos de vista tomados separadamente”⁶. A visão espacial da sociedade, para o autor, compreende a sociedade formada por relações, ou seja, em uma perspectiva *relacional*.

Os seres aparentes, diretamente visíveis, quer se trate de indivíduos quer de grupos, existem e subsistem na e pela diferença, isto é, enquanto ocupam posições relativas em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real (...) e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos (Bourdieu, 2007c, 48, grifos do original).

Com base neste referencial, um novo olhar sobre as relações socioespaciais entre *campus* universitário e seu entorno urbano foi, então, construído. Aprofundadas na realidade empírica entre a Universidade Rural e Seropédica, através de uma pesquisa de campo a partir da qual foi discutida a relação socioespacial entre a universidade e a cidade, analisado o espaço como lugar percebido e identificada a materialização das práticas sociais, através das representações, a realidade foi, então, entendida a partir da relação entre seus espaços físicos e sociais, como partes integrantes, estruturantes e estruturadas, das relações que os

⁵ Pierre Bourdieu, “Efeitos de lugar”, In: Bourdieu, Pierre (Coordenador), *A miséria do mundo*, Petrópolis, RJ, Vozes, 1997, 159, grifo do original.

⁶ *Ibid*, 11, grifo nosso.

indivíduos e grupos sociais mantêm entre si e que imprimem marcas diferenciadas à sua história e natureza.

A adoção do *habitus* como a história incorporada que funciona como um princípio gerador do que fazemos e das respostas que damos à realidade, história esta que está “inscrita” no cérebro e no corpo, nos gestos e no modo de falar, enfim, em tudo que somos, traduzindo o mundo introjetado no homem, permitiu considerar a prática social tanto fruto das estruturas sociais herdadas, quanto como das escolhas do indivíduo, sempre mediadas por um conjunto de disposições para a ação. O *habitus* articula, portanto, sujeito e estrutura, conhecimento e realidade.

É através da síntese entre sujeito e estrutura, conhecimento e realidade que as representações se configuram como categoria que expressa, por um lado, a dimensão do sujeito, pela sua compreensão a partir da observação do real, e por outro, a dimensão da estrutura social, construída pelas informações cognitivas já estabelecidas. Para efeitos das representações, é através do uso da noção de violência simbólica que Bourdieu tenta desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como “naturais” as representações ou ideias sociais dominantes. O poder simbólico “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”⁷. É o poder fundado no reconhecimento pelos sujeitos e pela sociedade da norma e do consenso. A violência simbólica, portanto, é o processo de imposição dissimulada de um arbitrário, como consenso universal⁸.

Afastada, portanto, a possibilidade inicial – que identificava no padrão morfológico do *campus*, o determinante de uma segregação socioespacial entre a universidade e a cidade - a hipótese, construída com base no referencial teórico explicitado, passou a ser investigada: a de que as estruturas sociais (estruturadas e estruturantes das estruturas incorporadas – o *habitus*) materializadas nas estruturas espaciais produzem uma hierarquização do espaço universitário, que se traduz em uma distância simbólica do espaço da cidade. Essa distância, por sua vez, diferencia comportamentos, atitudes e visões de mundo, construindo aspectos polarizadores que aproximam e afastam, gerando uma movimentação que não tem permitido um eixo de relação estável e qualificado.

Retomar o objetivo central do presente estudo - a discussão das relações socioespaciais entre o *campus* universitário e seu entorno urbano, no contexto do marco teórico-metodológico estabelecido – exigiu, primeiramente, conhecer a comunidade universitária e a população de

⁷ Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005, 7-8.

⁸ Por exemplo, a imposição de um arbítrio cultural, como cultura universal.

Seropédica, como agentes sociais, com características próprias e moldados por acontecimentos históricos, por suas características sociais e por seus habitus. Nesta perspectiva, uma pesquisa de campo foi realizada por meio de uma abordagem que, além de permitir a caracterização do universo pesquisado via tratamento estatístico e analítico dos dados coletados, possibilitou a investigação de atos de percepção e de apreciação que antecedem ou estão presentes no comportamento dos indivíduos e na formação de suas representações.

Para capturar a estrutura do espaço social, tanto do *Campus* Universitário, como da cidade de Seropédica, o método escolhido foi a aplicação de questionários estruturados, de forma a permitir adequar o espectro ampliado de pesquisados desejado, com a disponibilidade de tempo e de infraestrutura condizentes com o tipo de pesquisa realizada. Os questionários foram elaborados tendo por base modelo desenvolvido em Oliveira⁹ e usado no âmbito do Observatório das Metrópoles. Os questionários, semelhantes em sua estrutura básica, de maneira a permitir a comparação, continham em torno de 50 perguntas, em parte fechadas – para tornar mais rápida tanto a aplicação como a sistematização das respostas - e em parte abertas – específicas para os objetivos do presente estudo - e estavam organizados segundo 5 blocos, a saber: 1. Identificação; 2. Perfil Sociodemográfico / econômico; 3. Práticas de Consumo – roteiro cotidiano / comportamento / preferência; 4. Percepção do lugar; e 5. Percepção do meio social. Os 3 primeiros blocos buscavam caracterizar a amostra segundo as categorias explicitadas por Pierre Bourdieu e os 2 últimos blocos tinham por objetivo apreender a percepção e as representações dos atores pesquisados. Os questionários aplicados no universo do *campus* foram divididos em três tipos, assim direcionados: questionário 1 - aos alunos de graduação; questionário 2 - aos técnico-administrativos; e questionário 3 - aos professores efetivos. Na cidade de Seropédica, foi aplicado um único tipo, o questionário 4 – dirigido aos moradores sem vínculo com a UFRRJ.

A população-alvo do estudo foi dimensionada de forma independente para cada grupo a ser pesquisado. Para a obtenção do tamanho da amostra, alguns parâmetros foram levados em consideração, tais como: o grau de certeza do tamanho ideal da amostra; o erro provável da pesquisa; o tipo de população a ser estudada; a disponibilidade financeira e o tempo proposto para a efetivação da pesquisa. Deste modo, para tornar a pesquisa exequível, tanto em relação ao dispêndio financeiro quanto ao tempo de execução, optou-se por um erro de 4% para cada estrato (grupo) pesquisado. Levando-se em consideração todos os elementos da pesquisa, o erro corresponde, na realidade, a um erro máximo de 2,33%, conforme fórmula

⁹ Flávia Santos de Oliveira, *O habitus no lugar e o lugar da Tijuca*, Dissertação, Instituto de Pesquisa em Planejamento Regional e Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

descrita por Batista e Batista¹⁰, para determinar o erro de uma pesquisa de proporção populacional quando se conhece *a priori* o tamanho da amostra.

A análise dos dados obtidos no trabalho de campo permitiu compreender o *campus* universitário para além de um espaço físico, fruto de um modelo urbanístico que divide a cidade segundo propostas de zoneamento. Na verdade, tanto o *campus* quanto a cidade constituem-se em diferentes espaços de produção (e reprodução) material e simbólica, onde estão inseridos atores e instituições. Assim, mais que “zonas” diferentes, o *campus* e a cidade são **campos** diferentes, são estruturas sociais que se caracterizam pela composição distintiva de capitais.

Dados da pesquisa comprovaram que a comunidade universitária em conjunto é detentora de uma maior concentração de capitais, particularmente, do cultural, consubstanciado em seus três estados¹¹. Também, é a comunidade universitária aquela que possui maiores quantidades de capital econômico, social e político. É, ainda, a comunidade universitária, pelo seu viés acadêmico – a instituição universidade por si confere poder – quem detém o capital simbólico. Este último capital sendo, portanto, uma marca distintiva da própria Universidade¹², leva ao poder simbólico como um “... poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer (...)”¹³. Assim, impõe-se o arbítrio que superestima a importância da Rural para a cidade de Seropédica. É através da violência simbólica que a comunidade universitária impõe à parte da população de Seropédica o seu reconhecimento e a valorização da universidade como de suma importância para a cidade, como o “motor” da cidade.

De acordo com Bourdieu¹⁴, para que o poder se concretize em um grupo, é necessário que a força do discurso ganhe *status* dentro do contexto social, fazendo-se valer pela força do poder atribuído àquele que o profere, de modo a que as lutas sociais se movimentem pela imposição de percepções e de categorias de percepções, num sentido dialético de existência. Ainda, conforme Bonnewitz¹⁵, “de modo geral, todo o campo exerce sobre os agentes uma ação pedagógica multiforme, que tem como efeito fazê-los adquirir saberes indispensáveis a uma inserção correta nas relações sociais”. Portanto, assim como o *campus* universitário e a cidade de Seropédica estão em campos diferentes, seus agentes sociais possuem *habitus* diferenciados. A pesquisa de campo comprovou que, mesmo para aqueles grupos sociais que

¹⁰ Lauro B. Batista, Karla M. Batista, *Estatística & Bioestatística*, 2 ed., Niterói, Os autores, 2010.

¹¹ No estado incorporado, objetivado e institucionalizado.

¹² A instituição universitária é repleta de símbolos de poder que se constituem em capital simbólico objetivado – a beca, por exemplo.

¹³ Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005, 14.

¹⁴ Id., *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

¹⁵ Patrice Bonnewitz, *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2003, 85.

se percebem na mesma classe social, não existe interação, não existem relações de proximidades. Os grupos frequentam lugares diferentes e têm gostos diferentes. Assim, as escolhas, comportamentos, ações ou aspirações individuais não derivam de intenções ou planejamentos, mas são produtos da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos da conjuntura.

Para Bourdieu, tais como as práticas sociais, as representações também estão submetidas ao *habitus* e às pressões das condições estruturais sob as quais elas operam, podendo, então, variar de acordo com a posição do agente na estrutura social e com as “estruturas cognitivas e avaliativas que foram adquiridas através da experiência duradoura de uma posição no mundo social”¹⁶. A análise das percepções e representações que a comunidade universitária - em especial os alunos e parte dos servidores técnico-administrativos - tem do *campus* universitário e que a população de Seropédica tem da sua cidade estão impregnadas de um vínculo de afetividade.

Na análise da representação que cada grupo pesquisado tem de seu próprio espaço, observa-se que, para os alunos, o *campus* universitário representa o lugar da integração, da socialização e da convivência com o diverso. Para a parcela majoritária dos técnico-administrativos, o *campus* está intimamente ligado à vida, ao lar, em um claro sentimento de pertença, relacionado à ideia de enraizamento, em que o indivíduo constrói sua ligação com a origem e é por ela construído. Os professores, em sua maioria, são o grupo cuja representação do *campus* é mais objetiva¹⁷. É o *campus* como o lugar de trabalho, embora, algumas vezes, esta representação esteja acompanhada do reconhecimento de que é um agradável lugar de trabalho.

Para a população de Seropédica, é muito forte o sentimento de pertença em relação à sua cidade. Aqui, também, a ideia de enraizamento às origens está presente. Seropédica representa para sua população a tranquilidade e o sossego, reforçando que existem qualidades - como, por exemplo, a segurança - que se sobrepõem a certos tipos de problemas locais, fazendo com que uma população faça a opção consciente de permanecer em determinada área, mesmo identificando e enfrentando dificuldades.

A análise da representação que cada grupo pesquisado tem do espaço do outro, ou seja, a representação que a comunidade universitária tem da cidade de Seropédica e que a população da cidade tem do *campus* da UFRRJ, possibilita, finalmente, uma maior

¹⁶Márcia Hespanhol Bernardo, “Representações dos trabalhadores sobre os riscos em uma usina química”, *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2002, 5. <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpst/v5/v5a02.pdf> (Julho 21, 2010).

¹⁷ Este resultado da pesquisa de campo surpreendeu pela proporção majoritária. Somente entre os docentes com maior tempo de serviço dedicado à UFRRJ, a representação acompanha o resultado obtido para os técnico-administrativos.

aproximação com as relações socioespaciais que se estabelecem entre o *campus* universitário e a cidade, para o caso estudado. Para a comunidade universitária, sem distinção entre seus segmentos, majoritariamente a cidade de Seropédica representa o lugar - apenas no sentido geográfico de localização - da Universidade. A relação com a cidade é distante, de passagem e de obrigação: “tenho que passar”, “tenho que morar” e “tenho que frequentar”, são as afirmações mais frequentes. Para a população de Seropédica, a ausência de representação do *campus* universitário é expressiva e, conseqüentemente, significativa. Apenas para uma minoria o *campus* da Rural representa o “lugar da beleza”, o cartão postal de Seropédica.

A partir dos dados pesquisados, pode-se afirmar que, para a população de Seropédica, o *campus* universitário não se configura como um elemento constitutivo ou estruturante da identidade da cidade. O *campus* não é um espaço de referência, de sociabilidade, não se apresenta como um espaço público¹⁸, no sentido da sua apropriação pelos moradores de Seropédica. Na estrutura da identidade seropedicense, o *campus* é, apenas, símbolo de teatralização, de cenário. O *campus* é marco visual, não é marco afetivo. Por outro lado, a cidade, tampouco é apropriada pela ampla maioria da comunidade universitária. Existe uma pequena porção da cidade que é considerada uma “extensão da universidade”, e estar nela, seja para residir, comprar, se divertir é estar na “Rural” e não na cidade. Assim, pode-se concluir que no entorno da Universidade não existe uma cidade: Seropédica está ali como poderia estar qualquer outra cidade. Melhor seria, ainda, para muitos integrantes da comunidade universitária, se o *campus* tivesse podido manter-se autossuficiente, como foi planejado. A cidade inexiste na representação da comunidade universitária. Confrontando as representações expressas pelos grupos sociais, percebe-se, em síntese, a construção das diferentes representações sobre os espaços, do *campus* e da cidade, reafirmando a relação de tolerância apontada por Vainer¹⁹, marcada pela indiferença entre os diferentes e a compreensão de que o outro é necessário no funcionamento da cidade e, também, da universidade.

3. CONCLUSÃO

¹⁸ No sentido, por exemplo, de que a praia é para os cariocas.

¹⁹ Carlos B. Vainer, “Cidades, Cidadelas e a Utopia do Reencontro – uma reflexão sobre tolerância e urbanismo”, In: *Cadernos IPPUR/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p.33-46, jan./abr., 1986.

O propósito desta pesquisa esteve permanentemente voltado para uma dada realidade empírica, historicamente datada e situada – a relação socioespacial entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a cidade de Seropédica – para, a partir dela, ser construída a discussão mais ampla da relação entre o *campus* universitário, como modelo de territorialização do espaço universitário, e seu entorno urbano. Seguindo o referencial teórico-metodológico, buscou-se compreender esta relação através da análise das estruturas do espaço físico – os lugares em si – e das estruturas do espaço social.

Na contextualização do objeto de estudo, dentro da perspectiva mais ampla da inserção urbana e social da própria instituição universidade, através do tempo, procurou-se identificar os elementos de recorrências na gênese, desenvolvimento e territorialização da universidade, substanciais para o entendimento no campo da sociologia urbana. Embora as universidades tenham nascido quando do ressurgimento das cidades e pela divisão do trabalho que nelas se estabeleceu, a primeira tipologia do espaço universitário se caracterizou como uma construção fechada em relação à cidade, trazendo a proposta de reclusão e isolamento típico dos claustros medievais, cristalizando, já naquela época, o que se pode denominar de “aristocratização” das universidades. Mesmo com a expansão do espaço universitário - determinado por novas necessidades - sua definitiva territorialização, ainda, permaneceu fechada em si mesma. Quando, morfologicamente, a universidade se abria para a cidade, sua espacialidade já estava consolidada de forma a não interagir com seu entorno urbano.

A discussão das relações socioespaciais a partir da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no contexto urbano da cidade de Seropédica, como um caso particular de estudo, reforçou as questões identificadas e reforçou suas consequências. É compreensível que, na medida em que a relação universidade *versus* cidade se estabeleça no contexto de cidades maiores, os processos socioespaciais sejam menos perceptíveis, sem, no entanto, se dissiparem. Estudos nesse sentido podem ser aprofundados em **Smiderle**²⁰ e Rust e Novais²¹, entre outros. Assim, algumas considerações podem ser apontadas na direção da questão geral: a relação socioespacial entre a universidade e a cidade.

²⁰ Carlos Gustavo S. Moreira Smiderle, *UENF e Campos, encontro de dois mundos: uma etnografia da interação entre a coletividade da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a sociedade de Campos dos Goytacazes (RJ), 2002-2004*, Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos de Goytacazes, RJ, 2004.

²¹ Rafael Rust, Pedro Novais, *Heterotopologias e os efeitos de lugar: identificação de paradoxos na relação campus/cidade*, Trabalho apresentado na XIII Semana de Planejamento Urbano e Regional do IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

Resgatando o conjunto de princípios que orientaram a gênese e evolução do urbanismo no Brasil, segundo Ribeiro e Cardoso²², pode-se apontar a espacialização das universidades brasileiras, sob o paradigma das cidades universitárias, como exemplos que configuraram o surgimento do discurso urbanístico no país, através das ideias de modernização, desenvolvimento e construção da nacionalidade. Assim, as primeiras cidades universitárias projetadas ou construídas no país, a começar pela da UFRRJ, representaram os valores ideológicos da sociedade brasileira e de sua organização política e cultural.

Também, o debate sobre o modelo urbanístico modernista do espaço universitário - o *campus* universitário - não deve focar a segregação como o processo único, ou até mesmo central, para a compreensão da sua relação com o entorno urbano. A produção do espaço universitário não pode ser vista como uma produção unicamente física, mas como um produto histórico das determinantes sociais. O espaço universitário não é um espaço em disputa entre atividades e pessoas, mas uma particularização espacial que buscou criar a identificação de um agrupamento social – o acadêmico. Ao produzir a identificação, fragmentou, segregou e, principalmente, hierarquizou o espaço.

O processo de hierarquização do espaço no modo de produção capitalista tem sido frequentemente analisado. Autores como Christian Topalov e David Harvey, entre outros, discutiram o uso do solo urbano a partir da renda da terra como categoria de análise. Em direção semelhante, outros estudos analisaram a produção da moradia sobre a ótica capitalista. Entretanto, a hierarquização espacial é um processo que envolve não só mediações econômicas, mas sociais e políticas. Retomando a visão espacial da sociedade, em Bourdieu, a “ideia de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de *espaço*” já definido como “conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e *entre (...)*”²³. Assim, Bourdieu compreende o espaço social como formado por relações de proximidade e separação, que são, antes de mais nada, relações hierárquicas.

Por outro lado, ainda conforme Bourdieu, os lugares no espaço são definidos por posições geradas a partir do volume e da composição do capital. Como já destacado, para este autor, existem diferentes tipos de capital (econômico, cultural, simbólico, etc.). Estes diferentes tipos de capital, também, terão uma distribuição desigual em volume e uma maior importância a partir do campo em análise, guardando, entretanto, uma analogia com o que conhecemos do

²² Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro, Adauto Lúcio Cardoso, “Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil”, In: Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz; Pechman, Roberto (org), *Cidade, povo e nação*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

²³ Pierre Bourdieu, *Razões práticas: sobre uma teoria da ação*, Campinas, SP, Papirus, 8ª. Edição, 2007, 18-19.

capital econômico, no sentido de que sempre serão, de forma genérica, um recurso (estrutura estruturante) que rende “lucros” para aquele que o detém. As posições neste espaço social expressam as relações de dominação entre as classes sociais e as relações de hierarquia.

Para Bourdieu,

Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (...) (Bourdieu, 1997b, 160).

Retomando nossa hipótese, são as estruturas sociais que, materializadas nas estruturas espaciais, hierarquizam o espaço universitário e o “fecham” para a cidade. Para a comunidade do seu entorno, as universidades, quando percebidas, o são como locais restritos, preenchidos de interdições e, para alguns, de privilégios. Como “ilhas” dentro das cidades, perpetuam uma relação socioespacial de distanciamento. Os *campi* universitários qualificam as áreas urbanas nas quais se inserem, propiciam *ganhos de espaços*, como já analisado, são referências para o conhecimento, mas não são percebidos como parte das cidades. Como ensina Bourdieu, o espaço social está inscrito, ao mesmo tempo, nas estruturas espaciais e nas estruturas mentais ²⁴.

Levar à consciência os mecanismos que tornam a vida dolorosa, inviável até, não é neutralizá-las; explicar as contradições não é resolvê-las. Mas, por mais cético que se possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o feito que ela pode exercer (...) (Bourdieu, 1997b, 735).

É com inspiração na citação acima que acreditamos poder contribuir para a construção de cidades, em especial Seropédica, mais justas e menos desiguais. A compreensão dos processos socioespaciais é importante para a compreensão dos mecanismos societários de exclusão e integração e das relações de interação e sociabilidade entre os grupos ou classes sociais.

Finalmente, a pesquisa apontou para dados que permitem a desnaturalização de algumas ideias presentes no senso comum a respeito da relação entre a UFRRJ e Seropédica e permitiu compreender o *campus* universitário para além de um espaço físico como fruto de um modelo urbanístico que divide a cidade segundo propostas de zoneamento. Mais que

²⁴ Id. “Efeitos de lugar”, In: Bourdieu, Pierre (Coordenador), *A miséria do mundo*, Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

“zonas” diferentes, o *campus* e a cidade são **campos** diferentes e são estruturas sociais que, materializadas nas estruturas espaciais, hierarquizam o espaço universitário e, repetindo, o “fecham” para a cidade.

BIBLIOGRAFIA

Alberto, Klaus Chaves. *Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Arantes, Otilia; Vainer, Carlos; Maricato, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Araujo, Regina Célia Lopes. *A universidade no contexto urbano: as representações presentes na relação sociospacial entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a cidade de Seropédica*. Tese de Doutorado. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Batista, Lauro B.; Batista, Karla M. *Estatística & Bioestatística*. 2 ed. Niterói: Os autores, 2010.

Bernardo, Márcia Hespanhol. “Representações dos trabalhadores sobre os riscos em uma usina química”. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2002, vol. 5, pp. 1-18. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpst/v5/v5a02.pdf> (Julho 21, 2010).

Bonnewitz, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Bourdieu, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. “Compreender”. In: Bourdieu, Pierre (Coordenador). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997a.

_____. “Efeitos de lugar”. In: Bourdieu, Pierre (Coordenador). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997b.

_____. “O capital social – notas provisórias”. In: Nogueira, Maria Alice e Catani, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. “Os três estados do capital cultural”. In: Nogueira, Maria Alice e Catani, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b.

_____. *Razões práticas: sobre uma teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 8ª. Edição, 2007c.

Bourdieu, Pierre; Chamboredon, Jean-Claude; Passeron, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Cardoso, Adauto Lucio. "Risco urbano e moradia: a construção social do risco em uma favela do Rio de Janeiro". In: *Cadernos IPPUR/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p.33-46, jan./jul. 2006.

Cunha, Luiz Antônio. "Campus universitário: opção ou destino?" In: Morhy, Lauro (Org.). *Universidade em questão*. Vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

Elias, Norbert; Scotson, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Fávero, Maria de Lorde de Albuquerque. *A universidade brasileira em busca de sua identidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

Martins, José de Souza. *Em fuga ou em busca? Notas sobre a "segregação" no modo de vida da metrópole*. Disponível em: <http://www.ifhc.org.br/files/apresentações/1939.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2008.

Oliveira, Flávia Santos de. *O habitus no lugar e o lugar da Tijuca*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

Ortiz, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

Ribeiro, Ana Clara Torres. "Paradigmas e Tendências nos Estudos urbano-regionais contemporâneos", In: Acuña, Carlos & Riella, Alberto. *Território, Sociedad y Región. Perspectivas desde el Desarrollo Regional y Local*. Montevideo: Rosgal, 2003.

Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz; Cardoso, Adauto Lúcio. "Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil". In: Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz; Pechman, Roberto (org). *Cidade, povo e nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Rust, Rafael; Novais, Pedro. *Heterotopologias e os efeitos de lugar: identificação de paradoxos na relação campus/cidade*. Trabalho apresentado na XIII Semana de Planejamento Urbano e Regional do IPPUR/UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

Smiderle, Carlos Gustavo Sarmet Moreira. *UENF e Campos, encontro de dois mundos: uma etnografia da interação entre a coletividade da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a sociedade de Campos dos Goytacazes (RJ), 2002-2004*. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos de Goytacazes. Rio de Janeiro. 2004.

Vainer, Carlos B. "Cidades, Cidadelas e a Utopia do Reencontro – uma reflexão sobre tolerância e urbanismo". In: *Cadernos IPPUR/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p.33-46, jan./abr. 1986.